



# ***CULTO ESPIRITUAL***

***Responsável: Pedro Antônio***

---

## 1. CRISTO É O CENTRO DO CULTO

Os cap. 12 a 14 de I Coríntios foram escritos por Paulo para responder perguntas feitas pelos irmãos daquela igreja sobre a atividade dos "espirituais" nos cultos. A comissão da igreja de Corinto que trouxe uma oferta ao apóstolo trouxe também uma carta contendo algumas perguntas (I Co 16:17-18). Essas perguntas envolviam questões sobre os dons espirituais em geral, e, particularmente, sobre o falar línguas e o profetizar. Além das perguntas, Paulo deve ter tomado conhecimento, pelos enviados de Cloe, de irregularidades relacionadas com os "espirituais" nos cultos (1:11). Nesses capítulos, ele aproveita o ensejo para não só responder às indagações dos coríntios, mas de corrigir as irregularidades das quais havia tomado conhecimento.

### A CARTA DOS CORÍNTIOS À PAULO

Uma das perguntas feitas pelos coríntios havia sido:- como reconhecer a participação de alguém que está sendo verdadeiramente movido pelo Espírito Santo? Essa pergunta refletia a atividade dos "espirituais" durante os cultos e revelava uma falta de conhecimento adequado acerca da natureza e do uso dos dons espirituais nas reuniões da igreja. Ignorar essas coisas, por sua vez, gerava desordem e confusão durante as reuniões.

Como já notamos que para alguns dos coríntios ser "espiritual" era relacionado com dons de elocução "espiritual", especialmente falar línguas, dá para imaginar que tipo de confusão estava sendo gerada pela atividade dos "espirituais". Não é difícil concluir que este dom estava recebendo destaque durante os cultos; e que muitos estavam falando línguas ao mesmo tempo, sem tradução ou interpretação para os demais (indoutos ou não "espirituais"). Já que os "espirituais" eram considerados como sendo movidos pelo Espírito Santo no que falavam, suas palavras eram recebidas sem quaisquer avaliação ou crítica, o que abria a porta para manifestações estranhas no culto. Esses eram alguns dos problemas que Paulo procura corrigir em 1 Coríntios 12-14. Apesar de serem ricos em dons espirituais (1:7) os coríntios haviam se excedido no uso dos mesmos.

A solução na carta que Paulo lhes escreveu, começa com a declaração: **NÃO QUERO, IRMÃOS, QUE SEJAIS IGNORANTES (12:1)**. Devemos suplementar a frase com "...do que é certo". O "certo", no caso, refere-se à maneira certa dos "espirituais" participarem nos cultos, conforme o apóstolo expõe nos versos seguintes (12:2-3). O desconhecimento dos princípios básicos relacionados com a obra do Espírito na comunidade e no culto estava na raiz dos problemas litúrgicos da comunidade. Pensavam de si como uma igreja cujo culto era "no Espírito" - mas Paulo se vê obrigado a ensinar-lhes os fundamentos da obra do Espírito por meio dos dons, no culto, para corrigir os desvios que ocorriam em suas reuniões.

O método de Paulo é o mesmo que ele vem usando até agora: expor os princípios doutrinários que são o fundamento do assunto e aplicá-los aos problemas imediatos da comunidade.

## O ESPÍRITO SANTO EXALTA CRISTO

Examinemos agora o primeiro princípio que Paulo estabelece quanto ao uso dos dons espirituais na igreja (1 Co 12:1-3):

"A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes. Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados. Por isso, vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo."

Essa a característica número um de todas as manifestações espirituais, que o Espírito Santo, atuando na igreja por meio dos dons espirituais, sempre exalta Cristo. Em palavras simples: **CRISTO É O CENTRO DO CULTO PRESTADO A DEUS EM ESPÍRITO E EM VERDADE.**

### PROFETAS DESCONTROLADOS?

Qual foi a situação que gerou essas palavras de Paulo? Por que é que ele escreveu essas coisas? Tudo indica que alguns dos "espirituais", durante o culto, estivessem trazendo mensagens que afirmavam ser da parte do Espírito Santo e que, às vezes, soavam um pouco estranhas. Essas mensagens tanto podiam ser em línguas, quanto em profecias, pois, para os coríntios, falar pelo Espírito Santo se resumia nessas duas coisas. Quer tenha sido através de línguas ou profecia, alguns do "espirituais" da comunidade estavam falando coisas estranhas quando falavam "no Espírito". Os coríntios queriam saber como reconhecer se uma pessoa estava realmente falando pelo Espírito Santo. Durante os cultos da comunidade, de repente, levantava-se alguém dizendo que estava falando da parte do Espírito Santo e proferia palavra supostamente movidas por ele, em línguas ou profecia. Como saber se o Espírito Santo era realmente o agente por detrás dessas palavras? Foi a pergunta que fizeram a Paulo na carta que lhe enviaram.

### OS DEMÔNIOS E OS ÍDOLOS.

Paulo, então, responde partindo da experiência passada deles. Corinto era uma cidade situada numa península chamada Peloponeso, ao sul da Grécia. Era habitada por gregos, que viviam debaixo do domínio romano. Como todos moradores daquela região os coríntios desconheciam a mensagem do Evangelho. Viviam na mais completa idolatria, nas trevas espirituais absolutas, apenas clareadas aqui e ali pela mensagem missiânica da sinagogas judaicas. Corinto era campo virgem em termos de missões; e foi que Paulo foi anunciar o Evangelho. Pela sua pregação, uma igreja nasceu e cresceu no meio do caos. Os coríntios, antes de se converterem cultuavam os diversos deuses da mitologia grega e do culto romano, curvando-se diante de imagens. Muitos deles estavam envolvidos nas práticas estranhas das religiões de mistério, sobre as quais até hoje quase nada sabemos,

em vista do segredo que cercava tais rituais. Eram pessoas religiosas, embora envolvidas com tudo isso. Eram levados, de várias maneiras, para adoração dos ídolos, que não têm vida. Paulo apela para o passado dels: "Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados (1Co 12:2; ver Gl 4:8; Ef 2:11-12). No passado, quando os coríntios não conheciam a Deus, eram guiados pelos demônios aos ídolos mudos, a quem adoravam como se fossem deuses. Paulo não usa a palavra demônio aqui, mas no capítulo 10 desta carta está evidente que, para ele, a idolatria é coisa do demônio: "Antes, digo que as coisas que eles sacrificam, é a demônios que sacrificam e não a Deus; e eu não quero que vos torneis associados aos demônios" (1Co 10:20). Paulo está se referindo aos sacrifícios pagãos, oferecidos pelos coríntios aos seus deuses e afirma que tais sacrifícios, ao fim, são aos demônios. O apóstolo sabe que a idolatria é produto do diabo e é o diabo que guia as pessoas a adorarem o ídolos mudos. Quando os coríntios não conheciam a Cristo e praticavam os ritos do paganismo, os demônios, durante esses cultos idólatras, os levavam a se curvar e adorar ídolos. Há um contraste implícito entre os idólatras sendo levados pelos demônios aos ídolos e os crentes sendo guiados pelo Espírito a Cristo.

Durante os festivais pagãos de idolatria, as pessoas começavam a beber vinho, embriagavam-se, eram possuídas por esses demônios, entravam em transe, caíam no chão, falavam línguas e profetizavam. Havia tudo isso no culto à deusa Cibele, à deusa Afrodite, no culto a Apolo, a Baco, o deus do vinho. Os coríntios conheciam todas essas manifestações extáticas, emocionais e demoníacas. Paulo pergunta: "Para onde vocês eram guiados naquelas ocasiões?" e a resposta era: "aos ídolos mudos".

Aqui está o princípio: assim como o diabo sempre conduz as pessoas à idolatria e, no fim, elas sempre acabam diante de um ídolo mudo, da mesma forma o Espírito Santo sempre leva as pessoas a Cristo. Se alguém está sendo guiado pelo Espírito Santo, será trazido diante do Senhor Jesus, da sua presença e será quebrantado diante dele. Os coríntios crentes entendiam isso muito bem porque, quando eles não tinham a Cristo, eram guiados aos ídolos mudos por Satanás. Eles sabiam que não havia uma força espiritual neutra. As forças espirituais estão ao nosso redor, ou nos levam para um ídolo mudo, para longe de Deus - essas forças são demoníacas - ou nos levam para a pessoa gloriosa do Senhor Jesus Cristo - refiro-me ao Espírito Santo.

### **O ESPÍRITO GLORIFICA A CRISTO NO CULTO.**

Paulo aplica esse ponto em seguida, no verso 3:

"Por isso, vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo." (1Co 12:3)

Paulo sabia que havia, nos cultos de Corinto, pessoas que pronunciavam-se como estando debaixo da ação do Espírito Santo. Os coríntios queriam critérios para discernir a presença do Espírito de Deus por detrás dessas palavras, visto que elas estavam soando

bastante estranhas. Eles, juntamente com Paulo, sabiam que existem outros espíritos no mundo além do Espírito Santos. Para Paulo a prova de que as palavras estão sendo pronunciadas sob a ação do Espírito não é a forma em que elas vêm (transes, êxtases etc) mas o conteúdo do que é dito. O teste de Paulo é doutrinário. Tem dois aspectos: (1) Negativamente, quem diz "Jesus é anátema" não está falando pelo Espírito de Deus; (2) positivamente, quem diz: "Jesus Cristo é Senhor", esse está falando pelo Espírito de Deus. Esse é o primeiro critério no exame das manifestações espirituais. O Espírito Santo falando por meio dos crentes, através dos dons espirituais, sempre exalta a Cristo como Senhor, sempre guia os crentes a Cristo, a reconhecer a sua glória!

Paulo não está dizendo nenhuma novidade. O próprio Senhor Jesus já havia estabelecido este ponto:

"quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as cousas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Tudo quando o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar" (Jô 16:13-15)."

Esse é o critério estabelecido pelo próprio Senhor Jesus. Nós vemos esse princípio em ação na primeira carta de João. Quando o apóstolo escreveu, ele estava lutando contra um ensino que ameaçava as igrejas da Ásia e que, mais tarde, veio a ser chamado de Gnosticismo. Essa heresia propagava uma mistura filosofia grega e Cristianismo. Dizia que através de um conhecimento especial podia-se ter acesso a Deus; alcançar a libertação da prisão que era o corpo. Os mestres gnósticos usavam um conceito da filosofia chamado dualismo, que consistia numa antítese radical entre a matéria e o espírito. Segundo esse ensino tudo o que é matéria é má e tudo que é espírito é bom. Quando os gnósticos levaram adiante esse ensino, aplicando-a à doutrina cristã, chegaram ao seguinte raciocínio: "Ora, se Jesus é Deus, ele não poderia ter encarnado e tomado a forma humana, porque o corpo é mau. Deus é bom, é espírito; logo ele não pode ter tomado a forma humana; portanto o corpo de Jesus era uma aparência, não era um corpo real, concreto". O apóstolo João percebeu que esse ensino não podia vir de Deus. Como chegou a essa conclusão? Porque, ao fim, esse ensino atacava a pessoa de Cristo, a sua encarnação, a sua humanidade; então, João escreveu -

"... todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo." (1Jo 4:2-3).

Do mesmo modo, Paulo ao responder a pergunta dos coríntios sobre como reconhecer a origem das manifestações "espirituais". Ele estabeleceu uma regra pela qual eles poderiam qual o espírito que estava por detrás da palavra dos "espirituais". Dizer "anátema Jesus" equivalia dizer que Jesus tinha merecido morrer como um malfeitor. Quem poderia estar dizendo isso? Paulo pode estar referindo-se aos judeus. É sabido que esta frase era comum nos lábios dos judeus. Justino Mártir menciona que o judeu Trifo

amaldiçoava Jesus e todos que criam nEle. Os demais judeus chamavam Jesus de "o perverso", ou "aquele que perverteu a lei de Deus", além de outros nomes ou apelidos. O próprio Paulo, antes de converter-se, poderia ter dito estas coisas, pensando estar agradando a Deus. Ele mesmo havia obrigado muitos cristãos a blasfemarem de Jesus (At 26:11). Paulo estava usando os judeus como exemplo de quem não estava sendo guiado pelo Espírito. MALEDICERE CHRISTO (maldizer a Cristo) era também a fórmula para renunciar ao cristianismo diante dos tribunais romanos, conforme nos conta o historiador Plínio. Mas isso só ocorreu algum tempo depois de I Coríntios ter sido escrita. Paulo pode também estar referindo-se a alguns profetas de Corinto que, durante transe extático, acabaram por pronunciar palavras semelhantes. Qualquer que tenha sido o caso por detrás das palavras de Paulo, o princípio sobressai claramente: se alguém ou algum movimento, de alguma forma, diminui a pessoa de Cristo, se de alguma forma subtrai a glória de Cristo, se de alguma forma Cristo é colocado nos bastidores, a inspiração por detrás dessa pessoa, movimento ou manifestação não é do Espírito Santo.

Se Jesus não for o centro e não receber a glória e a honra que lhe são devidas como Cabeça da Igreja, como o Filho único de Deus e o Senhor de tudo e de todos, então tais coisas NÃO PROCEDEM DO ESPÍRITO SANTO; podem proceder do homem ou de espíritos malignos, mas não de Deus. Isto é o que Paulo está dizendo aqui em I Co 11:1-3.

Nos versos seguintes (12:4-6) Paulo ensina que o Deus triúno concedeu diversos dons à Igreja:

"Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidades nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidades nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos"

O alvo do apóstolo neste texto é corrigir a ênfase dos coríntios em um punhado de dons prediletos e mostrar que existem muitas outras possibilidades. Ao exaltar o dom de línguas acima dos demais, os coríntios acabaram por reduzir a multiforme graça de Deus. Ao mesmo tempo, Paulo enfatiza que diversidade dos dons procede duma fonte única: O DEUS TRIÚNO. Ocorreu ao apóstolo, muito naturalmente, que é o mesmo Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, que concede dons à Igreja. Somos levado a pensar que, ao mencionar as três pessoas da Trindade nessa passagem, Paulo estaria implicitamente mostrando que do Deus uno e trino só pode proceder unidade na diversidade. O apóstolo afirma três vezes na passagem que diversidade nas manifestações espirituais. A palavra "diversidade" (diairesis) só aparece três vezes no Novo Testamento, exatamente aqui nesses versos. A repetição indica a ênfase do apóstolo sobre as diferentes manifestações espirituais trazidas pelo Espírito Santo. O N. T. traz quatro listas de dons (Rm 12:6-8; 1Co 12:8-10; 12:28-30; 1Pe 4:10-11). Elas são diferentes umas das outras; uma menciona certos dons, outra, diferentes, nenhuma delas pretendia ser exaustiva, mas juntas exibem a riqueza da variedade dos dons de Deus. Os dons são diferentes e estão espalhados pelas igrejas. É como uma árvore frondosa, onde nenhuma folha é igual a outra.

Devemos resistir à tentação de pensarmos que "dons", "serviços" e "realizações" são 3 classes diferentes de dons espirituais. Paulo está simplesmente usando termos

complementares para se referir à manifestação do Espírito Santo que ele menciona no verso 7. Os dons podem ser chamados de "dons", "serviços", "realizações" e "manifestações" em relação respectivamente, ao Espírito, ao Senhor (Cristo), a Deus (Pai) e à Igreja. Eles são dados gratuitamente pelo Espírito, servem ao Filho, são operados eficazmente pelo poder de Deus e são o meio pelo qual o Espírito manifesta sua graça e poder na Igreja. É importante notar que o apóstolo denomina os dons de "serviços" (diakonion) em relação a Cristo (12:5). Essa palavra de diakonos, alguém que serve a outrem. Por exemplo, o serviço que Marta prestou a Cristo em sua casa (Lc 10:40). Servir a Cristo é, portanto, um aspecto fundamental dos dons. Assim, 1Co 12:5 poderia ser traduzido deste modo: "há diversas maneiras de servirmos ao Senhor, mas o Senhor a quem servimos é o mesmo" (ver a tradução BLH). O ponto a ser destacado é que os dons, como formas de serviços a Deus, convergem ao serviço do Senhor Jesus. E onde o Senhor está sendo servido pela operação dos dons, aí Ele está sendo realmente glorificado.

Ao insistir que os diferentes dons procedem do mesmo Deus, Paulo deixa claro que eles cooperam entre si e trabalham com um único propósito, o de edificar a Igreja e glorificar a Cristo, servindo-o como Senhor. Já que os dons, embora tão variados, procedem do mesmo Deus Espírito Santo, todos eles levam, em última análise, à exaltação e à glorificação de Cristo. Assim, o exercício no culto dos dons espirituais, quaisquer que sejam, sempre deve resultar na exaltação, centralização e glorificação da pessoa de Cristo. Não somente o ensino, a evangelização e a doutrinação devem sempre exaltar e glorificar a pessoa de Cristo como Senhor; igualmente devem fazê-lo os dons de línguas, profecias, curas, palavra de conhecimento, bem como qualquer outra manifestação do Espírito. Se Jesus não é exaltado, alguma coisa está radicalmente errada.

### **CURAS, EXPERIÊNCIAS E COREOGRAFIA NOS CULTOS:**

Em que é que tudo isso que acabamos de ver pode nos ajudar hoje? Há muitos "inspirados" hoje, reivindicando falar pelo Espírito Santo, apresentando o sobrenatural como prova de que procedem de Deus e afirmando que o Espírito Santo é o autor das coisas mais estranhas em seus ministérios. Como poderíamos avaliar tais reivindicações? Convém fazer duas observações. A primeira tem a ver com o centro explícito dos cultos onde essas coisas são promovidas. O ponto crucial é o seguinte: qual é o ponto central explícito de cultos assim? Será que o Espírito Santo produziria um movimento em torno de sua própria Pessoa, onde ele fosse o centro do culto e da adoração? Ou ainda um movimento cuja ênfase fosse fazer com que as pessoas entrem num estado de transe e êxtase a ponto de perderem o controle e gargalhar histericamente? O que nos parece mais em harmonia com as Escrituras? O Espírito Santo promoveria movimentos assim ou um movimento, onde o Senhor Jesus se tornasse o centro? É curioso que quase nenhum movimento do "Espírito Santo" em nossos dias seja de Cristologia. Nós vemos movimentos de cura, de línguas, de profecias, de "dente de ouro", de batalha espiritual, de prosperidade, de "louvorção". . . mas não ouvimos falar, em nossos dias, de um movimento que procurasse conscientemente

promover a Pessoa de Cristo, que tivesse como centro explícito a doutrina de sua Pessoa e obra. Os movimentos pentecostais através da história nunca realmente conseguiram livrar-se da tendência de tornar o Espírito Santo o centro de seus cultos, teologia e ministérios. De fato, essa é a principal característica unificadora desses movimentos que apareceram em diversos períodos da história da Igreja. Assim foi com Montano, um cristão da Frigia no século II, que alegava ter recebido uma revelação direta do Espírito Santo de que ele, como representante do Espírito, lideraria a Igreja durante o último período dela aqui na terra. Ajudado por duas mulheres que eram consideradas profetizas, Montano fundou uma seita que procurava a renovação na Igreja do entusiasmo, dons, poder, sinais ocorridos durante o período apostólico, Devido aos inúmeros abusos e extremos ocorridos no movimento, a Igreja o condenou como herético já no séc. II. Mas o Montanismo continuou, embora com menor influência, até o séc. VI, quando cessou finalmente. Muitos outros movimentos similares apareceram posteriormente na Igreja. Todos cultuando, primordialmente, o Espírito Santo. A Oitava Conferência Mundial Pentecostal, que aconteceu em 1967 no Rio de Janeiro, teve como tema "O Espírito Santo Glorificando a Cristo". Os preletores falaram sobre subtemas como "O Espírito Santo glorificando a Cristo no ministério da oração", "O Espírito Santo glorificando a Cristo através das Escrituras", "O Espírito Santo revelando a Cristo como Médico", "O Espírito Santo glorificando a Cristo na produção das virtudes" etc. Apesar do tema oficial ficamos com a impressão que o verdadeiro assunto da Conferência era o Espírito Santo (uma leitura dos anais da Conferência, particularmente dos resumos das mensagens confirma isso), o que em si é perfeitamente válido. Mesmo apreciando o desejo da Conferência de seguir com fidelidade o ensino bíblico, perguntamos: caso o tema fosse invertido, não refletiria mais fielmente as Escrituras: "Cristo glorificado pelo Espírito". Seria algo extraordinário e fora do comum um movimento entre os evangélicos do Brasil cujo centro consciente e explícito fosse Cristo. Onde as pessoas dissessem: "Vamos conhecer o Senhor Jesus, vamos saber o que as Escrituras dizem sobre Ele, sua Pessoa, os seus ofícios e a sua obra!" Um movimento onde as pessoas fossem atraídas pela doutrina da expiação, da morte substitutiva de Cristo. É exatamente esse tipo de movimento que o Espírito Santo deleita-se em promover. Mas por que é que nós não ouvimos falar disso hoje em dia? O que ouvimos falar é de movimentos onde a Pessoa e a obra de Cristo acabam ficando nos bastidores e a glória, o centro e o show, giram em torno de manifestações consideradas "espirituais". É claro que as pessoas que promovem esses movimentos vão dizer que pretendem glorificar a Cristo por meio das manifestações. Não duvidamos da sua honestidade e sinceridade. O fato é que poucos têm conseguido atingir esse objetivo. A experiência mostra que, na prática, tais manifestações (visões, milagres, línguas, profecias, reações físicas do tipo "cair no Espírito") acabam por roubar o show. Pouco ou nada aprendemos sobre o Senhor Jesus, em reuniões assim. Ele é mencionado, sem dúvida, mas quase como um nota de rodapé.

A segunda observação tem a ver com a avaliação das manifestações espirituais. As únicas manifestações que precisamos receber como genuinamente procedentes de Deus,



sem questionamento algum, são as que estão registradas nas Escrituras. O apóstolo João diz que registrou tais milagres exatamente com esse propósito (Jô 10:30-31). Se alguém não crê que Jesus ressuscitou dos mortos e nem que Ele realizou os milagres relatados na Bíblia, tal pessoa nem cristã é.

Outrossim, temos toda a liberdade para examinar e avaliar a origem e se são genuínos os fenômenos naturais modernos. Isso não significa que sejamos céticos quanto à possibilidade de Deus agir em nossos dias de forma sobrenatural. Guardadas as devidas proporções e os diferentes propósitos de Deus na História, acreditamos em milagres em nossos dias. O problema é mais complexo do que simplesmente acreditar ou não na ocorrência dos dons, hoje. O fato é que espíritos mentirosos bem como homens maus e charlatões são contemporâneos do mesmo jeito. Acreditamos na contemporaneidade dos espíritos malignos, de Satanás, do coração humano depravado e enganador, na contemporaneidade de homens de consciência endurecida que falam mentiras. Cremos nessas coisas porque a Bíblia diz que essas coisas sempre estarão presentes, lado a lado com a obra de Deus na História. Crer somente na contemporaneidade de todos os dons é simplificar demais a complexidade com que as Escrituras nos apresentam. É indispensável que juntamente com a fé no Deus poderoso que age hoje, tenhamos também sabedoria e discernimento para não sermos iludidos por espíritos mentirosos ou falsos profetas.

Uma ingenuidade com capa de piedade, que considera como incredulidade qualquer questionamento das manifestações sobrenaturais, acaba abrindo a porta para todo o tipo de engano. Essa piedade, na verdade, mais do que ingênuo, acaba se tornando supersticiosa. Cremos que Deus é poderoso para agir como lhe agrada. Mas também sabemos que o diabo está ativo, iludindo, enganando, corrompendo a fé de muitos; sabemos também que o homem é capaz de dizer muita coisa falsa, mentirosa, para enganar e tirar proveito dos crédulos. Portanto, é necessário que exercitemos cautela, juízo, bom senso e que sempre procuremos, em oração diante de Deus, averiguar cuidadosamente a origem das manifestações sobrenaturais, bem como os relatos acerca das mesmas. A Igreja deve consistentemente examinar com cuidado os testemunhos, as histórias a fim de não cair no engano de espíritos mentirosos.

Não seria exagero admitir que o diabo, mesmo não sendo Todo-Poderoso e onisciente, possa produzir impressões e apercepções na alma humana. Pedro foi vítima desse poder em certa ocasião e não fosse intervenção do Senhor Jesus, teria pensado que fizera a coisa certa em querer evitar que o Senhor fosse à cruz (Mt 16:23). O diabo pode mesmo adivinhar certas coisas (At 16:17). Os magos de Faraó, através de suas ciências ocultas (certamente no poder de espíritos malignos), fizeram água se transformar em sangue, transformaram suas varas em serpentes e fizeram aparecer rãs, imitando os milagres de Moisés (Ex 7:10-12,22;8:7). Satanás pode se disfarçar e parecer até anjo de luz, isto é, com aquele brilho de glória característico dos anjos e, que sabe, aparecer assim disfarçado num sonho ou visão (2Co 11:14). É assim que muitos cristãos entendem a aparição do anjo Moroni a Joseph Smith, fundador do Mormonismo. Ele afirmou, no início do séc. XIX, ter tido visões de Deus, de Jesus Cristo e de outros seres celestiais. Esses

seres lhe disseram que ele seria o instrumento para restabelecer a igreja cristã restaurada neste mundo. Conforme Smith, o anjo Moroni, um desses mensageiros celestiais, o orientou até o lugar onde havia placas finas de ouro, escritas em uma linguagem de hieróglifos, que Smith disse ser egípcio antigo. Ele traduziu sobrenaturalmente essas placas, o Livro de Mórmon, onde se descreve a história, as guerras e as crenças de um povo que havia migrado de Jerusalém para a América. Os cristãos em geral entendem que, ou a história de Smith é uma farsa inventada por ele, ou Smith foi vítima de espíritos malignos enganadores.

Já que Satanás, como imitador de Deus, pode chegar a confundir os próprios eleitos, qual o critério seguro para distinguirmos o que vem dele e o que vem do Espírito Santo? Cremos que a melhor resposta e indagarmos qual a posição que Cristo ocupa nessas manifestações. Porque Satanás, voluntariamente, jamais buscará exaltar e glorificar a Cristo (muito embora possa mencioná-lo e até falar bem dele), desconfiemos do que não traz qualquer glória explícita e proposital ao Senhor Jesus. No caso do Mormonismo, o Senhor Jesus não recebe glória nem o louvor dos quais é digno, antes sua divindade é negada, bem como sua morte sacrificial e sua ressurreição literal. De forma diferente, o Senhor Jesus também deixa de receber a glória que lhe é devida quando determinados movimentos, produzidos pelos homens e baseados em experiências emocionais e psicológicas, acabam exaltando o próprio homem ou essas experiências. Ou ainda, quando as pessoas acabam por deixar manifestações genuínas do Espírito, cujo alvo primário é exaltar a Jesus Cristo, se tornarem um fim em si mesmas.

### **IMPLICAÇÕES PARA NÓS: 1Co 12:1-6 tem três coisas a nos dizer:**

1ª) Deus não deseja que sejamos ignorantes quando à natureza e o uso dos dons espirituais no culto. Mesmo que seja importante experimentarmos e exercermos esses dons, é igualmente importante que estudemos as Escrituras par entendermos melhor o que são os dons espirituais, quais os seus propósitos e de que forma podem ser legitimamente usados no culto cristão. É um profundo engano pensar que os dons, porque são espirituais, não podem ser estudados e conhecidos por meio de pesquisa bíblica séria. Mesmo que estejam dentro da área prática, são regulados e regidos por conceitos teológicos, como as demais coisas práticas da Bíblia. Se não tivermos a doutrina correta acerca dos dons, podemos receber o falso como se fosse o verdadeiro e empregar o verdadeiro de forma errada.

2ª) O Espírito Santo não exalta nada nem a ninguém (nem mesmo a si próprio) além de Cristo no culto. Não é suficiente dizer que o Espírito não deprecia Cristo e sua obra; é importante reconhecer, igualmente, que o Espírito age principalmente a favor dos interesses de Cristo, visando glorificá-lo e exaltá-lo. Este principio se aplica também ao culto cristão. Precisamos resgatar este principio litúrgico: o culto é voltado para Deus. É teocêntrico - e nisso, cristocêntrico, não antropocêntrico. Nem mesmo manifestações

espirituais extraordinárias, como curas, milagres, línguas, devem ocupar o lugar de Cristo no culto.

3ª) Quando o Espírito Santo controla um cristão no culto, ele não fica fora de si e nem perde o domínio próprio, nem os sentidos, como ocorre nas religiões pagãs dominadas por espíritos malignos. Boa parte dos movimentos e ministérios atuais relacionados com a "terceira onda" do Espírito focalizam-se nas experiências, nos fenômenos, nas manifestações sobrenaturais, muitas das quais envolvem a perda do controle emocional por parte dos crentes. Um culto onde o Espírito Santo está verdadeiramente no controle haverá de produzir ordem e decência, sobriedade e equilíbrio. É bem verdade que, como alguns exemplos da história da Igreja nos mostram, pode haver profunda emoção e mesmo reações físicas, como tremores, desmaios e quedas. Mas até essas coisas ocorrem em perfeita ordem espiritual, bem diferente da histeria e descontrole que, por vezes, caracteriza alguns encontros neopentecostais.

### E S P I R I T O   E   M E N T E   (1ª Co 14:5)

Podemos resumir o ensinamento de Paulo neste texto com a frase: "A edificação da comunidade no culto tem precedência sobre a edificação individual". Ele propõe essa argumentação a partir da conclusão sobre o amor no capítulo anterior. Os coríntios devem buscar o amor como alvo prioritário da comunidade. Podem também buscar os dons espirituais, mas em especial o de profetizar 1ª Co 14:1). Ele retoma o argumento de 12:31ª "procurai, com zelo, os melhores dons" e que havia interrompido para introduzir "um caminho sobremodo excelente". Paulo já havia declarado que apóstolos, profetas e mestres vinham no topo da lista dos dons estabelecidos por Deus na igreja quanto à ordem de importância para a edificação do corpo de Cristo, enquanto que as línguas vinham em último lugar (12:28). Continuando na mesma linha de raciocínio, Paulo coloca a profecia em posição de superioridade às línguas não-interpretadas. O apóstolo justifica seu ensino fazendo um contraste entre línguas e profecias quanto ao alcance e ao proveito delas no culto.

A NECESSIDADE DE NOS FAZERMOS ENTENDER (1ª Co 14:6-11): o ponto que Paulo ensina neste texto pode ser resumido numa frase: "As manifestações espirituais no culto devem ser inteligíveis para que possam ser aproveitadas por todos". O objetivo de Paulo nesta passagem é demonstrar a falta de proveito para a igreja quando alguém fala em língua incompreensível durante os cultos. Ele pergunta qual seria o PROVEITO para os coríntios, se ele viesse visitá-los e ministrasse a eles num idioma desconhecido (14:6). A resposta é "nenhum proveito". Proveito haveria se Paulo viesse ministrando num idioma conhecido, quer como profeta (profecia e revelação), quer como mestre (doutrina e ciência). Os dons do Espírito foram dados visando um fim proveitoso (12:7). Este fim não é alcançado com línguas sem interpretação.

ESSE PRINCÍPIO É IMPORTANTE PARA NÓS - A ESPIRITUALIDADE de atos litúrgicos está inseparavelmente ligada à nossa compreensão do que está acontecendo. Não há verdadeira espiritualidade onde há falta de entendimento. O que há é uma porta aberta ao misticismo, à superstição e à ignorância, coisas essas perniciosas à verdadeira religião e que acabam por escravizar os homens. Valorizar atos litúrgicos que não são compreensíveis em nome da "espiritualidade" é, na verdade, lutar contra ela. O culto a Deus tem de ser em espírito e em verdade. O apóstolo usa várias analogias, nesta passagem, para demonstrar o seu argumento:

As línguas por mais espirituais que possam parecer, se não fossem interpretadas, produzem o mesmo efeito de INSTRUMENTOS INANIMADOS. A flauta e a cítara, tocadas por músicos inexperientes e amadores, produzindo sons indistintos, e portanto, irreconhecíveis (14:7) - Paulo já havia comparado o dom de línguas sem interpretação à flauta e à cítara tocadas de forma indistinta. Quando a flauta é tocada de forma correta, os ouvintes sabem se devem chorar ou rir (Mt 11:17). Porém como se reconhecerá o tom, a menos que haja uma clara distinção entre as notas? É preciso que haja intervalos regulares entre elas, para que elas formem uma melodia clara e distinta. Se os instrumentos produzem um amontoado de sons, ninguém reconhecerá a música. É assim que as línguas não interpretadas soam aos ouvintes. Nenhum proveito vem.

Falar em línguas no culto, mesmo que seja algo considerado "no Espírito", se não houver interpretação, é COMO O TOQUE DE UM TROMBETEIRO CONFUSO durante uma batalha, cuja trombeta emite toques (sinais) que trazem qualquer mensagem aos soldados (1ª Co 14:8). Deus havia ordenado no passado, que Moisés fizesse duas trombetas de prata, que serviriam para orientar o povo durante os tempos de assembleias e nas batalhas (Nm 10:1-10) - Para cada manobra das tribos, nos encontros com Moisés e nas saídas dos arraiais para a guerra, havia um toque distinto e claro. A responsabilidade de tocar as trombetas era dos sacerdotes (Nm 10:8). Que responsabilidade a deles! Bastaria um toque incerto e reinaria confusão no arraial. Da mesma forma, a mensagem passada por crentes falando em línguas desconhecidas, durante os cultos, sem interpretação, não traz qualquer benefício ou proveito ao exército de Cristo. É como se o trombeteiro estivesse tocando ao vento (1ª Co 14:9). Seu esforço é vão como um lutador que esmurra o ar (9:26). Ninguém o entende..

Línguas sem interpretação tornam quem fala e os seus ouvintes estrangeiros entre si (14:10-11). Paulo começa este argumento dizendo que há muitos tipos de vozes no mundo (14:10). Por "vozes" ele quer dizer línguas, idiomas. Quantas exatamente o apóstolo Paulo não pode afirmar. Mas o ponto dele é que nenhuma é sem sentido. Entretanto, se alguém ignorar o sentido de uma delas, é como se 2 pessoas comessem um diálogo, sem que falassem ou entendessem a língua do outro! Nesse caso, seriam estrangeiros (bárbaros, no grego) um para o outro. Para os gregos qualquer idioma que eles não pudessem entender soava aos seus ouvidos como BAR BAR B AR (balbucios). Daí o apelidarem os não gregos e estrangeiros de bárbaros, visto que não entendiam o que falavam. A afirmação paulina é que línguas não interpretadas no culto tornam quem fala e aqueles que o ouvem em

estrangeiros que não se entendem. Logo, elas não aproveitam aos que as ouvem, pois não entendem o que está sendo dito. Para que haja edificação é necessário que se compreenda o que se diz. Caso contrário, teremos apenas confusão e desarmonia. Há aqui um ensino muito relevante para nossos dias. Uma das preocupações dos reformadores foi restaurar os cultos na língua do povo, pois durante a idade média e até o Concílio Vaticano II, esses eram celebrados em latim, língua já morta e que não era compreendida pelos que vinham às missas. Os reformadores aboliram essa prática nas igrejas cristãs. Foram mais além, traduzindo as Escrituras das línguas originais para o vernáculo, a língua do povo. O princípio que os movia era um só: **O EVANGELHO PRECISA SER ENTENDIDO PARA QUE POSSA OPERAR SALVIFICAMENTE NAS MENTES E NOS CORAÇÕES HUMANOS.** Missas em latim, homilias lidas em latim e passagens da Bíblia lidas no culto em latim de nada aproveitariam aos que as ouviam. Assim, os cultos reformados, além de serem extremamente simples em sua liturgia, eram na língua do povo. Os pregadores pregavam no idioma comum das massas e liam as Escrituras nessa mesma língua. Ouçamos o que diz Calvino: "está claro que as orações públicas não devem ser expressa em grego entre os latinos, nem em latim entre os franceses ou ingleses (como até agora tem sido feito em todo lugar), mas na língua comum de forma que todos os presentes possam entendê-las, visto que as orações públicas devem ser usadas para edificação da igreja inteira, a qual não pode ter qualquer proveito de um som que não entende. Esses que não são movidos por qualquer razão de humanidade ou caridade deveriam, ao menos, ser movidos pela autoridade de Paulo, cujas palavras não são nem um pouco ambíguas: "E se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o indouto o amém depois da tua ação de graças? Visto que ele não entende o que dizes; porque tu, de fato, dá bem as graças, mas o outro não é edificado (1ª Co 14:16-17), Causa profunda admiração a liberdade desenfreada dos papistas, pois mesmo que o apóstolo proteste publicamente contra isso, não vacilam em gritar as orações mais verborosas em língua estrangeira; orações das quais eles, às vezes, não entendem nenhuma sílaba e das quais não têm nenhum desejo que os outros entendam". - As igrejas evangélicas, portanto, deveriam velar com todo cuidado para que esse princípio litúrgico, tão claro aos reformadores, fosse seguido, com firmeza, nos cultos. **QUE OS ATOS LITÚRGICOS SEJAM TODOS INTELIGÍVEIS!** Que cada participação seja feita numa língua que o povo entenda. Que os pregadores usem uma linguagem acessível ao povo, evitando termos difíceis. Infelizmente estamos testemunhando um retorno à Idade Média. Com tristeza, observamos a popularidade cada vez maior da prática de falar em línguas, todos ao mesmo tempo e sem interpretação, durante os cultos de igrejas evangélicas modernas. Não há entendimento, não há proveito, não edifica a igreja, mas mesmo assim a prática continua, desafiando o ensino apostólico.

### **COMO CONTROLAR O "FOGO" DO ESPÍRITO**

Em 1ª Co 14:26 que diz: "QUE FAZER, POIS, IRMÃOS? QUANDO VOS REUNÍS, UM TEM SALMO, OUTRO, DOUTRINA, ESTE TRAZ REVELAÇÃO, AQUELE OUTRA

LÍNGUA, E AINDA OUTRO INTERPRETAÇÃO. SEJA TUDO FEITO PARA EDIFICAÇÃO". Paulo dá orientações diretas e específicas sobre uso dos dons espirituais no culto. Uma questão é o tom de Paulo neste versículo. Será esse verso uma recomendação da variedade que havia nos cultos onde cada um contribuía para a edificação do outro? Ou será uma repreensão quanto à confusão que havia durante os cultos pelo fato de cada um trazer diferentes contribuições ao mesmo tempo, sem ordem ou propósito definido? Através da história da igreja sempre houve divergências quanto ao grau de organização e espontaneidade que deve haver num culto. Talvez um dos exemplos mais radicais de um grupo que aboliu qualquer forma ou ordem litúrgica é o dos IRMÃOS. De acordo com Néelson Darby, o fundador do movimento, os dons espirituais dos crentes deveriam ser exercidos no culto, seguindo o impulso do Espírito Santo e não seguindo uma forma litúrgica preparada de antemão. Era essa a sua interpretação de 1ª Co 14:26. Em 1828, Darby publicou um folheto intitulado "A Natureza e a Unidade da Igreja de Cristo" contendo essas idéias. O movimento espalhou-se rapidamente por várias partes da Europa. Ainda hoje encontramos igrejas e movimentos que rejeitam radicalmente qualquer organização quanto ao desenrolar do culto. Já estive em cultos de igreja que pensam assim. A minha impressão foi que, inevitavelmente, com o passar do tempo, um ordem ou seqüência implícita acaba por se instalar.

Evidentemente, nem mesmo Néelson Darby diria que o Espírito Santo age sem qualquer ordem ou propósito, apesar de alguns de seus seguidores acabarem dando essa impressão. Não vejo contradição entre a atuação livre do Espírito e um culto bem ordenado e conduzido. Quando o Espírito Santo orientou Moisés quanto ao culto do Antigo Testamento, revelou claramente o desejo de que o mesmo tivesse um desenvolvimento ordenado. Basta lermos os elaborados rituais do antigo culto. É verdade que o mesmo foi abolido por Cristo. Isso não significa, porém, a abolição dos princípios que o norteavam e sim das formas litúrgicas e do cerimonial que prefiguravam Cristo. É suficiente lermos o que Paulo escreve em 1ª Co 14:26-40 para percebermos que, para o apóstolo, ordem no culto é essencial para que haja edificação.

É evidente que o culto do Novo Testamento era bem participativo, com seus membros trazendo contribuições de aqor com os dons que receberam. Outrossim, é impossível não ver que havia uma certa ordem, a qual não é incompatível com a liberdade espiritual nos cultos. Assim, é mais provável que nessa passagem Paulo esteja REPROVANDO os coríntios pela forma desordenada em que os cultos ocorriam, onde os participantes provocavam confusão, participando sem muita lógica ou ordem.

Acredito que o culto deva ser participativo e que deva haver variedade de partes. Mas creio também que deve haver ordem, seqüência lógica e sentido nas partes. Não creio em formalismo, mas creio em ordem. Parece-me que é a falta de ordem que Paulo repreende aqui, pois nos versos seguintes, encontramos ele colocando ordem na participação dos diversos dons. Esses versos são introduzidos com uma pergunta: "O que é, irmãos?" Que foi traduzida em português como: Que fazer irmãos? (14:26). Essa é a tradução preferida pela maioria dos tradutores, que a interpreta como uma pergunta

introdutória de Paulo sobre o modo de agir nos cultos, diante de tudo que foi explanado. Porém, há uma outra possibilidade, igualmente válida gramaticalmente, de se traduzir e entender a pergunta de Paulo, e, mais apropriada: "O que é que se passa, pois, irmãos, quando vos reunis?" Ou seja, "Como é o culto entre vocês comparado com as instruções que eu acabo de dar?" O próprio Paulo dá a resposta: cada um fazia uma coisa diferente, todos ao mesmo tempo, causando confusão. É como se Paulo dissesse: "Vocês acabam por confundir as diversas partes do culto; enquanto um deseja cantar um salmo por inspiração, outro tem doutrina e outro revelação". Ou ainda: "Vocês acabam por se confundir no mesmo culto no mesmo culto, muitos de vocês tem salmos, hinos ou ensinios para fazer ao mesmo tempo, sem esperar uns pelos outros. Que bela confusão! Como um culto assim pode ser edificante? Entretanto, a edificação é o alvo de todos os cultos públicos. Seja tudo feito para a edificação.